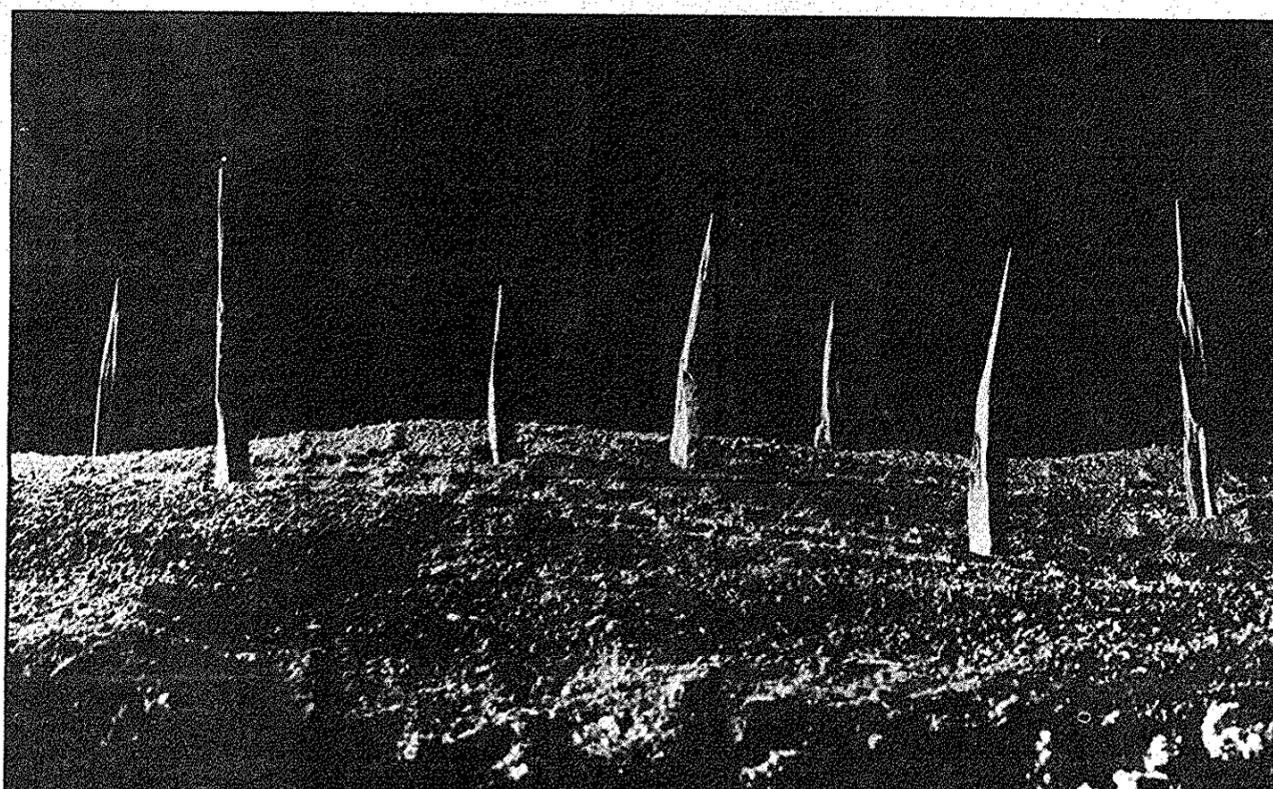
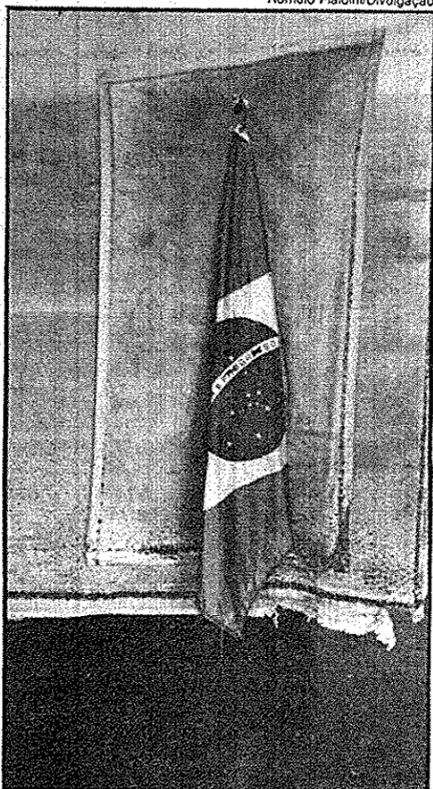


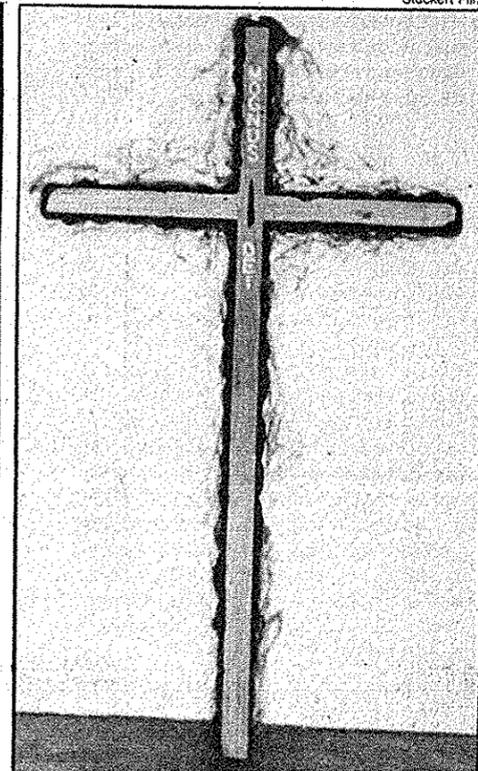
Arte de Ponta

O Movimento Nacional de Artistas pela Natureza reinterpreta as armadilhas dos Sirionós

Rômulo Fialdini/Divulgação



Stuckert Filho



Detalhe da obra de Bené Fontelles, as armadilhas da tribo para conter caminhões invasores (centro) e obra de Wagner Barja que usa o mogno e catequese para interferir na colonização

MARCOS SAVINI

Desconhecendo toda a falação que existe atualmente sobre as questões ecológicas e indígenas, os últimos grupos de seres humanos que ainda se recusam — e evitam — qualquer contato com o chamado "mundo moderno", reagem como podem às permanentes agressões de que são vítimas. No vale do Guaporé, em Rondônia, Grupos de índios Sirionós defendem-se dos caminhões carregados da madeira de suas matas, com pequenas armadilhas de madeira pontiaguda, algumas até envenenadas.

Com estes artefatos em mãos, o Movimento Nacional de Artistas pela Natureza convidou 54 artistas de todo país para criarem obras para a exposição *Armadilhas Indígenas*, que chegando recentemente do MASP,

tem a sua abertura em Brasília para as 19h00 de hoje, na Galeria Athos Bulcão da Fundação Cultural do Distrito Federal.

São obras das mais variadas linguagens, como instalações, objetos, pinturas, fotografias e poemas. Ao fundo da galeria flutuam lanças, machados, arcos, flechas e zarabatanas dos 77 grupos indígenas isolados que existem atualmente na região amazônica legal.

A idéia da exposição partiu do artista Bené Fontelles, que recolheu e distribuiu os pequenos estrepes de madeira dos Sirionós. A exposição procura "dar a voz a quem não tem voz", funcionando ela própria como uma pequena armadilha a perfurar a consciência "do espectador, com valores e leituras diversas da questão".

Alguns símbolos comuns a várias das obras, destacam-se na exposição, como a bandeira nacional brasi-

leira, as cruzes da catequização cristã, ou os relógios que marcam o tempo que ainda resta, antes de exterminada a última nação indígena.

Siron Franco criou para a exposição *Aquarela do Brasil* um pequeno estojo de aquarelas recheado com cápsulas de remédios e uma bala de fuzil. Rubem Valentim optou pelo grito mítico *Viva Tupã, Morra Mamon*, enquanto Wagner Barja faz sua leitura partindo da cruz, numa "obra aberta que aborda desde a catequese da colonização até a exploração atual". O avesso/complemento de Mamon também surge em outras obras, como no pequeno oratório de Néilson Maravalhas, onde escondido entre moedas de ouro, cruzes e escorpiões, encontra-se o dizer: "Produção sem energia/produto sem força/ orçamento sem compromisso/Nós acreditamos em Deus".

Os pequenos estrepes de madeira perfuram a bandeira nacional em várias obras, como na caixinha de Célia Matsunaga, na instalação de Bené Fontelles, ou no jogo de futebol moeda de Galeno, onde as armadilhas indígenas substituem os pregos usuais do jogo infantil.

Alguns propõem a reação guerrilheira imediata, como na explicação emoldurada de Cildo Meireles de como reproduzir industrialmente — em ferro — as armadilhas pouco eficazes em madeira dos índios Sirionós. Ou então, no convite poético de Tetê Catalão: "Agora/ a hora do troco/ ataca/ ataca/ TOCAIA".

Para outros, tudo é só uma questão de tempo, realçado no relógio presente em obras como a de Evandro Salles, ou na de Wellington Dantas "um monolito lápide que serve de porrada para a esperança e o medo",

como explica o artista.

A lista de artista é grande, e inclui além dos citados, Tomie Ohtake, Diva Elena Buss, Luiz Áquila, Amílcar de Castro, Iberê Camargo, Amélia Toledo, Mary Yoschimoto, Alex Cerveney, Nina Moraes, Fernando Limberg, Regina Valter, Marlene Almeida, Ralph Gehre, Adalberto Moreira, Vera Salamanca, MÔ Toledo, Celeda Tostes, Arlindo Daibert, Athos Bulcão, Maurício Vilaça, Hamilton Leitão, Rômulo Andrede, José de Souza, Wesley Duke Lee, Eiko Hanashiro, Guto Lacaz, Xico Chaves, Luiz Hermano, Marcos Coelho Benjamin, Manfredo Souza Neto, Rubem Grilo, Lygia Pepe, Roberto Micoli, Rubem Valentim, Megumi Yuasca, Karim Lambrecht, Emmanuel Nassar, Tadeu Jungle, Walter Silveira, Betty Bettiól, Eduardo Cabral, Douglas Marques de Sá, Sônia Paiva e Lia do Rio.

A exposição é dedicada à "luta

da União das Nações Indígenas pelo respeito dos seus direitos". Amanhã, haverá uma palestra com representantes da Funai (através da Coordenadoria de Índios Isolados), do Iba-ma e do Exército Brasileiro, às 20 horas, no local da exposição. O tema será a discussão da questão dos índios isolados do Brasil, cada vez mais ameaçados pela cobiça às riquezas de suas terras. De acordo com um levantamento da Coordenadoria de Índios Isolados, em apenas 50 anos, 87 grupos indígenas já foram exterminados. Um movimento etnocida que, até agora, nenhuma armadilha indígena conseguiu frear.

ARMADILHAS INDÍGENAS — Exposição de obras criadas a partir de estrepes criados por grupos indígenas não-contactados. De hoje a 30 de setembro, na Galeria Athos Bulcão da Fundação Cultural do Distrito Federal (Via N2 — Anexo do Teatro Nacional).